



### VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: PRÁTICA DA LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Rosane Gallert Bet<sup>1</sup> (PPGLETRAS - UNEMAT/Sinop)  
[rgallertbet@hotmail.com](mailto:rgallertbet@hotmail.com)

Vânia Romancini Musachi<sup>2</sup> (PPGLETRAS - UNEMAT/Sinop)  
[vania.ufmt@gmail.com](mailto:vania.ufmt@gmail.com)

**RESUMO:** Partindo das observações realizadas em sala de aula, no decorrer de muitos anos de magistério nos anos iniciais do ensino fundamental, observando-se com frequência o sofrimento de alunos com relação a não aceitação de seus vernáculos, por parte dos colegas, inclusive de professores, é que se busca compreender através de pesquisa bibliográfica as concepções sobre a variação linguística em sala de aula, visto que não é raro observar alunos que chegam à escola e têm sua voz calada e sua autoestima destruída. Apesar de em 1997, o Ministério da Educação publicar os Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam uma mudança na concepção de ensino de língua nas escolas brasileiras enfocando as variedades dialetais, identificando-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam, os livros didáticos ainda tratam pouco da variação, isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular e o português chamado culto. Assim, cabe ao professor reconhecer na linguagem um instrumento de libertação, pois, a partir das competências linguísticas que os alunos chegam à escola, este poderá aprimorá-las, sem desconsiderar a norma linguística de origem ou mesmo negá-la.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Linguística. Sala de aula. Ensino.

**ABSTRACT:** Through the observations made in the classroom, during many years of teaching in the initial years of elementary school, it is often observed the students' suffering with regard to the acceptance of their vernacular by colleagues, including teachers, is that seeks to understand by the bibliographic research the conceptions about linguistic variation in the classroom, since it is not uncommon to observe students who come to school and have their voice quieted and their self-esteem destroyed. Although in 1997, the Ministry of Education published the National Curriculum Parameters, that do a change in the conception of language teaching in Brazilian schools focusing on dialectal varieties, geographically and socially identifying people by the way they speak, the didactical books still provide little about the social variation, this is, of the contrasts, conflicts, approximations and distances between the varieties of Portuguese called popular and the Portuguese called cult. Thus, it is up to the teacher to recognize in language an instrument of liberation, because from the linguistic skills that the students arrive at the school, they can improve them without denying them.

**KEYWORDS:** Linguistic Variation. Classroom. Teaching.

---

<sup>1</sup> Aluna especial da disciplina Diversidade e Variação Linguística do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLETRAS), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop-MT. [rgallertbet@hotmail.com](mailto:rgallertbet@hotmail.com)

<sup>2</sup> Aluna especial da disciplina Diversidade e Variação Linguística do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLETRAS), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop-MT. [vania.ufmt@gmail.com](mailto:vania.ufmt@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A abordagem do tema “Variação linguística e ensino: prática da linguagem em sala de aula” se dá pela inquietação frente ao atendimento de inúmeras crianças que chegam à escola e deparam-se com o preconceito linguístico. A comoção por elas, contudo, não é suficiente para mudar a percepção que se tem a respeito da problemática. Faz-se necessário pesquisar e aprofundar-se na temática da pedagogia da variação linguística, assim como conhecer a realidade de fala a que o aluno pertence, em quais valores culturais está inserido, quais são suas práticas de letramento e refletir gramaticalmente sobre que ferramentas deve-se usar para formar um leitor e produtor de textos críticos, autônomo, maduro e competente, sem desconsiderar que, de acordo com Bagno (2007, p. 136), “entre a fala mais espontânea e a escrita mais monitorada existe um amplo contínuo de gêneros textuais que representam as realizações empíricas da língua nas interações sociais.”

Dentro deste prisma, se reforça a necessidade da abordagem da língua não só no contexto gramatical, em sua organização estrutural, mas também em suas manifestações cotidianas entre os falantes, nos usos concretos na vida social, ou seja, nos gêneros textuais falados e escritos. Para isso, é necessário que o professor tenha conhecimento e embasamento teórico, não ficando restrito apenas ao livro didático, que, de acordo com Faraco (2015, p. 178):

[...] exploram superficialmente a variação estilística. Dificilmente considera que, em língua, o que ocorre são contínuos de variação e não recortes estanques. [...] raramente os livros didáticos tratam da variação social – isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/standard).

Assim sendo, o meio escolar precisa discutir e repensar a forma como vem ensinando, sem, muitas vezes, levar em conta a heterogeneidade da língua e desenvolver uma nova atitude do professor para que possa considerar as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade por eles utilizada e conduzindo-os em atividades pedagógicas que ampliem sua competência comunicativa oral e escrita através de leitura, processos argumentativos, raciocínio crítico, produções discursivas, produção de textos de gêneros variados, atividades cognitivas e reflexão sobre a língua e seus usos.

## **2 ENTENDENDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

A abordagem da variação linguística é um grande desafio enfrentado pelos professores em sala de aula, pois dificilmente sabem lidar com a situação, ficando presos às gramáticas tradicionais e normativas e assim dão pouca, ou quase nenhuma ênfase ao processo de variação. Tais professores acreditam que a escola é o espaço para a prática do português padrão e onde não há lugar para variedades. De acordo com Bagno, essa atitude do professor é negativa, pois:

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam desta língua ideal são consideradas como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (BAGNO, 2007, p.37).

Desde muito cedo as pessoas perceberam a existência da variação linguística, no entanto, isto sempre foi visto de forma negativa, inclusive pelos primeiros intelectuais. Os filólogos da cidade de Alexandria, no Egito, no século III a. C., viam a variação como um defeito a ser corrigido, segundo Bagno:



[...] esse modo de ver os fatos da língua se perpetuou durante mais de dois mil anos e só começou a ser criticado entre o final do século XIX e início do século XX, quando surge a linguística moderna, que pretende ser uma visão científica da linguagem, um estudo descritivo e explicativo de todos os aspectos da língua. (BAGNO, 2007, p. 87).

Percebemos, portanto, que a visão tradicional ditava, e muitas vezes ainda dita, como a língua deveria ser, chamando de “língua” apenas o padrão idealizado de uma língua uniforme, enquanto que a Linguística moderna procura saber como a língua é, ou seja, leva em consideração seus falantes e seus contextos históricos e sociais.

Vale ressaltar que a ideia da linguística tradicional está até hoje arraigada na mentalidade das pessoas, inclusive de muitos professores de língua portuguesa, que entram em conflito com seus saberes e sua prática ao receberem na escola alunos que trazem uma bagagem linguística recheada de variedades, levando-os a fazerem correções e intervenções que podem ser desrespeitosas e preconceituosas em relação às suas variedades linguísticas. Porém, ao pensarem e pautarem suas práticas pedagógicas nessa premissa, eles deixam de lado variedades linguísticas pertencentes a diferentes culturas, que precisam ser valorizadas e reconhecidas, enriquecendo, essa forma, o ensino em sala de aula.

Ao se falar em variedades linguísticas é de extrema importância e necessidade compreender que a língua é heterogênea, pois é uma atividade social em que os falantes interagem entre si estão em constante mudança e transformação, e acordo com os aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos. A variação linguística, portanto, é inerente a toda e qualquer língua viva do mundo. Deste modo, é necessário considerar a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade emerge dos usos linguísticos concretos e pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua.

Para o sociolinguista Bagno (2007, p. 38), “é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada”, sendo assim, o objetivo da Sociolinguística é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social, heterogeneidade esta muito presente nas salas de aula.

Para compreenderem a variação linguística, os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que podem identificar este fenômeno, como a origem geográfica do falante, pois esta varia de um lugar para o outro (diferentes regiões, estados, origem urbana ou rural); o status socioeconômico, as pessoas com renda mais alta não falam como as pessoas com renda mais baixa; o grau de escolarização que, de acordo com a aculturação, configura diferentes usos linguísticos; a idade, sendo que adolescentes não se comunicam da mesma forma que seus pais; sexo, homens e mulheres utilizam diferentes recursos de linguagem; mercado de trabalho e as redes sociais, porque comportamo-nos de maneira semelhante às pessoas com as quais convivemos.

Ainda segundo Bagno (2007), não existe falante de um estilo único, todos nós variamos o nosso modo de falar de maneira mais consciente ou menos consciente, monitoramos o comportamento verbal independente do grau de instrução, classe social, faixa etária, tudo isto de acordo com a situação social e interacional em que nos encontramos e esse comportamento é operado não só na língua falada, mas também na escrita e Bagno o denomina de variação estilística.

Dessa forma a questão da variação linguística é uma das questões relevantes e que merecem destaque no campo da linguagem. Como qualquer outra língua, a língua portuguesa não é falada da mesma forma por todas as pessoas que a utilizam, além disso, as línguas evoluem com o tempo, transformam-se e adquirem peculiaridades próprias em razão de seu uso em determinadas comunidades. No Brasil, há uma grande variedade linguística, devido tanto às características regionais quanto às diferenças sociais, portanto, nosso português não é uno, ele apresenta uma variação notada em nosso dia a dia. De modo que Bagno ressalta que:

[...] a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera diferenças regionais bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito -, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do



Brasil o segundo país com pior distribuição de renda em todo mundo (BAGNO, 2004, p.16).

Sendo assim, é de suma importância para o professor conhecer e entender o fenômeno da variação linguística, para poder abordá-lo de forma adequada durante sua prática de ensino, levando seus alunos a compreenderem a heterogeneidade da língua e que não existe uma fala “errada”, “inferior”, “feia”, mas existem ocasiões formais e informais, nas quais devemos adaptar a nossa fala e escrita.

### 3 O ENSINO EM SALA DE AULA

A escola tem adotado tradicionalmente para o ensino da língua portuguesa gramáticas e dicionários como instrumentos normatizadores, esperando-se que a fala e a escrita se confirmem ao que neles está estipulado. Muitos professores acreditam ainda que a escola é espaço único para a norma culta, não havendo lugar para outras variedades, notando-se ainda uma predominância nas práticas pedagógicas da noção de “certo” e “errado”.

Vale ressaltar que sempre convivemos com a noção de “certo” e “errado” como se fossem valores absolutos, imutáveis. Relacionando estas noções com a linguagem, as pessoas tendem a pensar que há uma língua mais “certa” do que outra. Nesse sentido, Scherre afirma que:

Esse sentimento toma uma dimensão fora do comum quando se trata de questões que envolvem a linguagem. De forma geral, as pessoas creem que há uma língua estruturalmente mais certa do que a outra, que há um dialeto mais certo do que outro, ou que há uma variedade mais certa do que outra, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou às variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico ou cultural. (SCHERRE, 2005, p. 15).



Para Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 09), “um dos maiores desafios das aulas de português é, sem dúvida, a relação com a variação linguística e os saberes gramaticais.” Conhecer essa realidade plural tem ocupado grande parte dos estudos de sociolinguistas brasileiros, cujos resultados vêm sendo expostos e publicados na tentativa de ajudar os profissionais da língua portuguesa, pois a escola não pode mais ignorar as diferenças sociolinguísticas, ao contrário, deve incentivar o emprego criativo e diversificado do português.

Em relação à efetiva contribuição da Sociolinguística, Bortoni-Ricardo (2004) enfatiza que uma das principais tarefas do ensino linguístico é levar o aluno a refletir sobre sua linguagem e as demais variações existentes, proporcionando-o conhecer outras possibilidades de uso da língua.

As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permitam realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74).

A escola, assim, em que ser o lugar onde se possa discutir sobre a existência da variação linguística e a não imposição de uma norma considerada padrão, transformando-se o momento de ensino em sala de aula num verdadeiro laboratório, onde haja investigação sobre a língua, para que se possa enxergar as variedades existentes. Por isso, é importante que o professor de língua portuguesa transmita e ensine aos alunos o processo de variação linguística para que o dialeto trazido por eles para a escola seja valorizado, mas também devem ser apresentadas a eles outras variedades, tanto as de desprestígio quanto as de prestígio.

A partir dessas concepções, podemos perceber que “os linguistas não são contrários ao ensino das variedades cultas e têm enriquecido essa discussão ao situar adequadamente essas variedades no contexto das práticas socioculturais da escrita”

(FARACO, 2008, p. 170), desse modo ressalta-se a importância do ensino das variantes sociais chamadas “cultas”, que em geral referem-se aos estilos mais monitorados da língua, sendo utilizados em segmentos sociais urbanos, em posição econômica considerável, tendo os alunos, assim, acesso aos bens culturais, à educação formal e à cultura escrita.

A variedade culta é uma manifestação da língua viva, ao contrário da norma-padrão, que é um construto idealizado, uma forma criada para servir de modelo linguístico ideal. Segundo Faraco:

Essa norma, no entanto, profundamente dissociada das variedades cultas efetivamente praticadas no Brasil, nunca se tornou de fato funcional. No entanto, tem servido, por mais de um século, de instrumento de violência simbólica e discriminação sociocultural. (FARACO, 2008, p. 172).

Cabe ao professor reconhecer que a linguagem pode ser um instrumento de aprimoramento de competências a partir do momento que ele amplia as competências linguísticas de seus alunos, partindo dos conhecimentos que já possuem quando chegam à escola, sem negá-los. Conforme Cyranka:

O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa. (CYRANKA, 2015, p. 31).

Sendo assim, cabe ao professor, durante o processo de ensino-aprendizagem, apresentar as variedades, pensando em contextos, onde, uma variação torna-se mais adequada do que outra, contudo em desprestigiar e/ou menosprezar nenhuma variedade. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa trazem a seguinte contribuição:



No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL 1998, p.31).

Acreditamos assim que mesmo sendo pouco tratado, ainda, pelos livros didáticos, o fenômeno da variação linguística deve ser discutido com os alunos, mesmo que de forma não sistemática, mas deve ser, ao menos, mostrado os diferentes estilos de fala e escrita, para que dessa forma a prática pedagógica do professor os ajude a superar o medo de não saber utilizar a própria língua, além disso, é necessário erradicar os conceitos de “certo” e “errado”, fortemente presos ainda ao ensino da língua portuguesa, como destacam Bagno (2004, 2007) Bortoni-Ricardo (2005), Scherres (2014), Faraco (2008).

Para uma efetiva transformação da prática pedagógica, é essencial que o professor, peça fundamental de uma reeducação linguística, esteja determinado e comprometido consigo mesmo e sinta-se motivado a realizar essa transformação, para tanto, o professor deve capacitar-se, para que saiba abordar a variação linguística em sala de aula de forma adequada, de modo a propiciar um ambiente de aprendizagem satisfatória aos seus alunos.

A reeducação sociolinguística é, portanto, uma necessidade nas escolas, e é através da abordagem da variação linguística em sala que essa proposta de reeducação pode vir a acontecer de forma eficaz e eficiente, como Bagno nos mostra em sua obra “Nada na língua é por acaso”:

A reeducação sociolinguística é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência



“pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por ideologia linguística autoritária e excludente. (BAGNO, 2007, p.86).

Para que o ensino mude, não basta apenas remendar alguns aspectos, é necessário que a escola proporcione ao aluno compreender que a língua é um fato social, um saber coletivo, e que é usada tanto para elemento de promoção social quanto para repressão e discriminação. É de suma importância, também, que o professor enfatize aos alunos que eles sabem português e que o papel da escola é apenas ajudá-los a desenvolver ainda mais esse saber, mostrando a eles outras formas de falar e escrever, aprendam deste modo, outras variedades, além das que já dominam.

### CONCLUSÃO

Através de nossas pesquisas no campo da Sociolinguística moderna, podemos concluir que a linguagem é a base para todas as ações de convivência humana. É por meio dela que se constrói o conhecimento, além de ser objeto de identidade de cada grupo social. Assim sendo, a língua não é estática, mas está em constante transformação e diversificação, pois se apresenta de formas variadas, de acordo com a classe social, localização geográfica, nível de escolaridade, sexo, idade, profissão, entre outras. No entanto, é perceptível na escola o preconceito linguístico quando o aluno utiliza-se de seu vernáculo caso este se distancie da variedade culta que é a variedade respeitada pela sociedade.

Combater o preconceito linguístico é uma forma de combater o preconceito social contra as camadas mais pobres da sociedade, e o espaço para esta mudança de atitude é a escola. Para isso, o professor precisa saber quem é o seu aluno e desenvolver uma nova atitude nas aulas de português, considerando a variedade linguística utilizada pelo mesmo e, a partir daí, conduzi-lo em atividades pedagógicas que ampliem sua competência comunicativa de forma ampla e diversificada, para aprender a fazer uso



das variedades mais prestigiadas, sem desconsiderar a sua variedade. Assim, o aluno poderá fazer uso da língua sabendo o que falar e como fazê-lo, levando em consideração a situação de interação social.

De acordo com esta pesquisa bibliográfica, escola e professores não podem ignorar que existem diferenças linguísticas, mas, sim, mostrar aos alunos que existem várias formas de dizer a mesma coisa, sendo que algumas geram prestígio e outras uma imagem negativa do falante.

Por sua vez, a escola deve reconhecer as diferentes variedades linguísticas, acolhendo seus falantes e respeitando seus dialetos assim como incentivar a aquisição de novas habilidades de uso da linguagem para que o aluno possa adequar-se à situação de fala usando a linguagem mais formal quando seus interlocutores forem pouco conhecidos e a linguagem menos formal, mais descontraída, em situações também mais informais.

Sendo assim, escola, professores e alunos precisam passar por uma reeducação sociolinguística para que possam livrar-se de atitudes preconceituosas e engajar-se em práticas docentes libertadoras e democratizadoras. Para que essa reeducação ocorra, é necessário que o professor se coloque no papel de cientista, pesquisador e investigador da língua se preparando para usar a prática como palco de criação e reflexões teóricas de modo a produzir conhecimento com os alunos e não apenas reproduzir o que vem sendo feito há décadas, pois a gramática dos livros didáticos não é suficiente, devido à vivacidade da língua.

O professor consciente e interessado no fenômeno da variação linguística existente no Brasil deve criar propostas metodológicas que objetivem o crescimento e aprimoramento linguísticos de seus alunos, contribuindo para que tenham uma atuação linguística consciente, prazerosa e crítica na sociedade em que estão inseridos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 3ª edição – Brasília, 2001.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. A, VIEIRA, S. R., TAVARES, M. A. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.) **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido Para Publicação em 12 de julho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de setembro de 2017.